

### OS GUERREIROS JÁ NÃO CANTAM MAIS - VIII

EM 1967. 10.01. 1º 76

EM  
ANO MÊS DIA  
67 10 01  
CAD. PAG.  
1-176

## Ódio racial:

*um mal*

*sem remédio*

Contran da Veiga Jardim

Falávamos, na reportagem anterior, do problema da discriminação racial, responsável aqui e alhures pelo extermínio de centenas de gerações indígenas. O problema foi e é grave, de difícil solução, pois um ódio dessa natureza não se elimina com decretos nem palavras de paz, dirigidos a homens que não aceitam o diálogo, a não ser o da força. Os conflitos raciais nos Estados Unidos estão aí aos olhos de todos, apesar dos esforços de governantes democratas, entre eles John Fitzgerald Kennedy. Não se extingue uma doença perniciosa e letal adotando simplesmente a covardia de ignorá-la. Busquemos fatos, para sustentar a nossa tese.

No dia 12 deste mês, um telegrama distribuído pela agência France Presse noticiava que a Associação dos Índios da América do Norte, que congrega mais de 30 mil filiados, endereçou ofício a várias firmas comerciais norte-americanas, fazendo-lhes um apelo no sentido de que não financiassem certo programa de televisão dedicado à glória do célebre general George Armstrong Custer.

Custer, personagem levado à tela em numerosas fitas de aventuras do Oeste, especialmente encarnado por Errol Flynn, à frente de sua Companhia de Cavalaria, fez uma incursão, pouco depois da Guerra de Secessão, pelos territórios dos índios, tendo adquirido celebridade por sua crueldade. Os índios Sioux desenterraram a machadinha de guerra para vingar as centenas de mulheres e crianças assassinadas pelo grupo do general aventureiro. Sob o comando do grande chefe *Touro Sentado*, atacaram e derrotaram Custer na Batalha de Little Bighorn, matando o general e todos os seus homens. Isto aconteceu em 1876.

A Associação dos Índios da América do Norte, no comunicado sobre o problema, declarou que "já não temos sentido produzir uma série de episódios televisivos glorificando um oficial do Exército norte-americano

que comandou e tomou parte do assassinio mais absurdo de mulheres e crianças, como tampouco resultaria adequada uma série glorificando um criminoso de guerra nazista ou um traficante de escravos".

O telegrama da France Presse, destacado dos aparelhos de Telex do CORREIO DA MANHÃ, está em nosso poder, à disposição dos interessados. Lá, na grande potência mundial, os índios têm uma Associação que zela pelo interesse e bem-estar da comunidade indígena. Cá, Nação ainda em desenvolvimento, os "coronéis" e barões da terra, latifundiários sem escrúpulos, caçam índios, sob a alegação de que são perigosos, mas mantêm e custeiam um verdadeiro exército de pistoleiros profissionais, para fazer valer o seu prestígio, baseado no Direito da Força. E os políticos dependem desses "coronéis", pois sabem que sem eles perderão os seus recintos eleitorais. Por todas essas coisas é que, a nosso ver, não basta mudar as siglas das agremiações políticas. É preciso mudar os homens. O Brasil precisa de sangue novo, dessa mocidade que quer conversar, entender e que não pode permanecer alheia aos acontecimentos ligados diretamente aos destinos do País. As velhas "raposas" da politicagem nacional já provaram sua incompetência. O ódio racial, agora, é um mal sem remédio e sua extinção da face da Terra dependerá da boa formação das futuras gerações.

#### DESINTEGRAÇÃO

Apesar do trabalho de Rondon e sua equipe, de administradores honestos à frente do SPI, entre os quais podem ser citados, sem o menor receio de erro, José Maria da Gama Malcher, coronel Tasso de Aquino e, no período revolucionário, coronel Aristides Procopio de Assis (este só ficou dois meses, se tanto, na chefia do Serviço), apesar de todos esses esforços, aliados aos de sertanistas da envergadura de Cláudio e Orlando Villas Boas, o SPI caiu nas mãos de administradores desonestos. Os erros se acumularam e muita gente enriqueceu à custa do índio. O que nos resta é aguardar o resultado da Comissão de Inquérito. Não conhecemos os nomes dos responsáveis, que conseguiram inverter e deturpar as finalidades do Serviço e dilapidaram o patrimônio público. A desintegração é fato incontestável. Vamos ler o que nos diz o jovem professor Alexandre de Souza Soares, diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Sociais e Chefe do Departamento de Economia Política da Faculdade de Filosofia de Campo Grande:

"A política indigenista brasileira precisa ser reformulada pelas autoridades com urgência. O que se tem feito até agora não passa de um atestado negativo do processo. O que se depara nos diversos grupos tribais, do Rio Grande do Sul à Região Amazônica, é um verdadeiro conflito cultural, em face da atuação "colonizadora" do branco. Sem condições para conhecer a função dos objetos, cujo uso lhe é imposto, o índio passa a ser a imagem do ridículo.

Há grupos que usam a chave como adorno, a cintura e, na época do frio, desmancham a casa de madeira para "aumentar o foguinho". Em alguns grupos do Paraná, a mulher, atendendo às exigências do Posto Indígena, cobriu sua nudez para ir à festa. Teve, entretanto, o cuidado de abrir dois buracos no vestido, a fim de passar os seios para o lado de fora, "para melhor respirar". O que se tem feito, com raríssimas exceções, não passa de uma farsa. Para que se processe a aculturação é necessário que haja gradientes — sucessivas linhas de transformação até que, em dado momento, se verifique um ponto de identidade entre o doador e o autóctone. Se há falta de recursos técnicos (programas) e científicos para, a longo prazo, se trazer o índio ao nosso sistema associativo, deixemo-lo na floresta, longe do contato dos bem-intencionados integracionistas e das mãos criminosas dos exploradores de terras ricas em minérios".

O professor Alexandre de Souza Soares enumera vários exemplos colhidos nos seus estudos, para provar essa desintegração: "Os índios Kaingang, localizados no Sul do Brasil e considerados como "grupo integrado", acusam essas distorções, que vão caracterizar os sintomas de desintegração cultural:

- a) colocam por cima da roupa diária — que geralmente dura um ano sem lavar — em dias de festa, um belíssimo vestido com sete babados e fitas coloridas; suas casas, semelhantes às do caboclo, não possuem banheiro, pelas seguintes razões: 1) não usam o WC, pois preferem o "mato"; 2) não tomam banho de chuveiro, porque "não dá para limpar o corpo". Preferem tomá-lo no rio usando o sabonete;
- c) possuem móveis inclusive a cama. Não usam, porém, o colchão. Queimam-no e usam apenas um pano sobre o estrado;
- d) o casamento é feito ainda perante o pajé, não existindo registro civil, a não ser o registro no próprio Posto; o banho é ainda coletivo, isto é, os homens juntos mas separados das mulheres; as mulheres não usam roupa de baixo (porta-seios e calças), que "apertam o corpo e não deixam respirar". E cita mais o sociólogo:

"Outro grupo também definido como "integrado", os índios Maxacali, com a introdução do dinheiro, tiveram o seu caráter destruído. Tão logo conheceram a moeda como função de troca e sentindo que poderiam comprar tudo, encontraram meio fácil de se tornarem berrões. Houve até o caso de um índio que, sem dinheiro para tomar a pinga, vendeu a virgindade da cunhada a um branco por NCr\$ 5,00. A cachaça fez dos índios "integrados" meros joguetes nas mãos dos "brancos civilizadores", que lhes tomam tudo".